

CM 3.12.53

BILHETE

Carybé —

Voltando ontem a Vitória encontrei sua carta da Bahia — e vejo que você, já tendo feito mais de duzentos desenhos, não voltará agora ao Espírito Santo. Estimei saber que a família vai bem, inclusive que a pequena safra cachoeirense, tão linda e mansa, de um colorido tão vivo que parece uma pequena jóia se movendo no ar — está se dando bem nesse sobradão do Largo de Santana, diante da igreja e do mar. O bicudo do Contestado também se adaptou a Ipanema; pelas manhãs de sol toma banho com o maior es-lhafato e minúcia; depois se põe a cantar. Dizem que há corrupções que cantam o Hino Nacional. Meu bicudo, sendo da zona litigiosa, canta um hino confuso, que não é o mineiro nem o capixaba; mas acho que no fundo é um vulgar invasor mineiro, pois continua a me detestar. Arrepiá-se, abre o bico feio e emite uma espécie de gragnar guerreiro sempre que me aproximo da gaiola. Deixei-o com a Dora, que ele ama; não sei quando voltarei ao Rio; perdi a prima e a fé.

Inútil você falar tanto da Bahia. Não a desamo, nem lhe nego beleza e sabor. Mas é uma cidade muito gorda — e não gosto de gordas. Em sua história há padres demais rezando e negros demais trabalhando. Isso tudo, esse mundo em latim e em nagô, me parece, afinal, meio triste. O que há de pior em mim é uma queda, que tenho, para o triste. Preciso, por isso, de mulheres e cidades alegres, "ainda que erradas", como dizia o padre Nóbrega. Ou mesmo "ainda que honradas" — como diria, de preferência, o Newton Freitas.

Aqui me planto. Tenho muito que viajar, tenho muito que escrever — e o jipe está lá embaixo me esperando. Adeus, oh flor. Pelas estradas do Derenzi sacolejarei a esmo. Abraço.

3/12/53

R. B.

DN 30.12.65

499